

Teoria da dependência e teoria do desenvolvimento desigual e combinado

- Marini discorre sobre a “estrutura agrária arcaica” do Brasil (p. 23, apud Goulart em Plano Trienal de Desenvolvimento) e como isso é um obstáculo à ampliação do mercado de produtos industriais (p. 24), pois coloca camponeses em situação de subemprego e êxodo rural (p. 23 e p. 25), o que os deixa fora do mercado de consumo. Paralelamente, também menciona como o aumento da produtividade apenas leva à intensificação da exploração do trabalho (p. 25), a qual ele nomeia de cisão horizontal, em um contexto de “binômio de política externa independente versus reforma agrária” (p. 24), que ocorre junto a uma cisão vertical entre burguesia industrial e setor agroexportador (p. 29). Correndo o risco de me antecipar, e sem querer cair na simplificação de culpabilizar os setores representados pelo FMI (p. 30), senti falta de uma maior compreensão dessa questão à luz do desenvolvimento desigual e combinado de Trotsky, em especial quando o próprio texto elucida que, à época, a política de liberação dos câmbios deixa pequenos e médios capitalistas à mercê de grandes grupos econômicos. Sabendo que esses grupos, historicamente, tendem a serem transnacionais, parece-me que a cisão vertical não ocorre apenas no Brasil e em seus setores internos, mas diz respeito aos interesses de um capitalismo mundial em que arcaico e moderno coexistem à medida que beneficiam países do centro. Ou seja, os interesses da burguesia industrial nacional, ao buscar ampliação do mercado nacional de produtos industriais, colidem, no limite, com os interesses dos grandes capitais mundiais, os quais, por sua vez, se beneficiam do êxodo rural e do arrocho salarial dos países periféricos. É possível falar isso?
- Karen Regina Bertolotti Cury

- “O fato básico a considerar é que a indústria nacional se expandiu graças ao sistema semicolonial de exportação que caracterizou a economia brasileira antes dos anos 30 e que essa indústria não sofreu limitação ou competição sensível, em virtude das condições excepcionais que haviam criado a crise de 1929 e o conflito mundial. O compromisso político de 1937 tivera por base essa realidade objetiva. Por volta dos anos 50, a situação muda. Enquanto a indústria se empenha em manter altos os tipos de câmbio, o que a leva a se chocar com o setor agroexportador, cujos lucros ficavam assim diminuídos, este setor já não pode oferecer à indústria o montante de divisas que lhe proporcionava em outros tempos” (p. 17).
- “A crise do setor externo da economia brasileira expressava, portanto, a ruptura da complementaridade que havia caracterizado as relações da indústria com as atividades agroexportadoras e se agravava com outro elemento, a remuneração do capital estrangeiro” (p. 17).
- “A deterioração da situação econômica deste último [o setor agroexportador] não correspondeu à depreciação de sua força política. Isto não foi apenas devido à firma posição que ocupava na estrutura política, nem ao domínio que exercia sobre a massa camponesa, decisiva no jogo eleitoral, mas também devido à dependência em que se encontrava ainda a indústria em relação à exportação, fonte de divisas para suas importações, dependência que a extensão do setor externo veio acentuar” (p. 21).
- “É de fato evidente que a trégua que se estabeleceu entre os grupos industriais e agroexportadores na fase de execução do Plano de Metas terminou por se traduzir em incremento de sua solidariedade mútua, graças à influência do capital estrangeiro investido na indústria, ao qual importa muito mais o aumento dos lucros da exportação” (p. 22).
- À vista dos trechos selecionados, é possível compreender que, na concepção de Ruy Mauro Marini, a relação de imbricação, ainda que contraditória, entre o moderno – a indústria – e o arcaico – a agricultura, caracterizada pela “baixa produtividade, pobreza das populações rurais e deficiente estrutura agrária” (p. 23) – é uma condição estruturante do desenvolvimento do capitalismo brasileiro? É em tal ponto que repousa a crítica, mencionada na apresentação do livro, ao modelo cepalino de análise, o qual atribui, dentre outros aspectos, a continuidade do subdesenvolvimento à conservação da oposição entre moderno e arcaico que obstará a completude do processo de industrialização?
- Graciele de Araujo Dantas Targino

Tecnologia, agricultura e força de trabalho

- Quando o autor aborda a chegada da tecnologia na agricultura, afirma que "essa estrutura impede que esses lucros cheguem ao trabalhador". Considerando que, no capitalismo, o objetivo da tecnologia é intensificar a exploração da força de trabalho (mais-valor relativo), não seria muito ingênuo o uso do verbo "impedir" nesse trecho? Em algum momento da introdução desse modo de produção no Brasil, os lucros tiveram como "objetivo" melhorar a vida do trabalhador?
- Aline Bastos Meireles Mandarino

- 1. Historicamente, os países subdesenvolvidos são dependentes dos países considerados centrais, já que tem sua economia apoiada em quase sua totalidade na exportação de produtos e mão-de-obra de baixo custo. Diante desse cenário, é possível afirmar que, guardada as devidas proporções, há codependência entre os países centrais e periféricos?
- 2. Qual a principal justificativa para o desenvolvimento da indústria nacional na década de 30 e sua principal consequência?
- 3. Quais são as consequências da introdução da tecnologia na agricultura e no trabalho agrícola, sob os aspectos produtivo e social?
- Jeniffer Simoni Morbi Piga

- Ao tratar sobre o período que vai de 1954 a 1961, o Autor afirma que “a questão agrária influenciará também o movimento das massas na cidade” (página 26). O Autor ainda trata sobre a correlação entre a implementação de novas tecnologias no campo e a intensificação da exploração do trabalho no campo, cujo um dos principais efeitos era a migração dos trabalhadores rurais para as cidades. Nesse mesmo ponto, por sua vez, o Autor trata da “conciliação” entre a indústria urbana e o setor agroexportador. A partir dessas proposições, podemos afirmar que o movimento das classes trabalhadoras urbanas ganha contornos distintos e particulares com a aceleração e intensificação desse processo de acumulação de capital no campo? Ainda, podemos pensar que, na realidade brasileira, experimentada por um “capitalismo tardio”, as relações de trabalho se desenvolvem a partir da contradição entre a necessidade de manutenção de relações “arcaicas/não capitalistas” no campo e intensificação/desenvolvimento da industrialização nas cidades?
- Bruna Maria Expedito Marques

Relação entre centro e periferia no capitalismo

- Já quase no fim das páginas propostas para a leitura, Marini aborda a política de austeridade de Jânio Quadros a partir da abordagem de contenção das emissões monetárias, da supressão dos subsídios a bens essenciais de importação (como trigo e petróleo) e da liberdade comercial. Tem-se que as políticas de austeridade apresentam-se como uma realidade a partir do advento do paradigma do neoliberalismo. Diante disso, acho pertinente pensar como se dá a relação entre a adoção de políticas de austeridades em países latino-americanos, como o Brasil, e países europeus. A partir da leitura de Marini, a política de austeridade de Jânio resultou em aumento do custo de vida para a população, sem que houvesse um aumento proporcional dos salários. Por outro lado, presumo que nos países europeus a política de austeridade talvez acarretasse no aumento do custo de vida, mas, de alguma forma, os salários também eram elevados. Diante disso, qual a relação entre as políticas fiscais de austeridade e a manutenção do estado de bem-estar europeu? Bem como, quais as possíveis diferenças entre as políticas de austeridade na América Latina e na Europa, considerando os contextos históricos, sociais e econômicos de posição no modo de produção capitalista?
- Fabiana Nogueira Coelho

- Apesar de desagradar diferentes setores - tanto comunistas como a direita, conforme aponta o livro -, é possível afirmar que o flerte de Jânio Quadros com uma solução autônoma para os problemas latinoamericanos, bem como a reprovação da tentativa de invasão de 1961 a Cuba, lança as bases para que os Estados Unidos busque, ativamente, influenciar a política brasileira?
- Matheus Baptiston Herdy Menossi Pace

- A partir da contextualização histórica do desenvolvimento capitalista da América Latina na primeira metade do século XX, demonstrado nos primeiros capítulos do livro de Ruy Mauro Marini (Dialética da Dependência) e a partir das aulas ministradas pelo Professor Steinmeyer, ao apresentar, em suas aulas, as leis trabalhistas e previdenciárias inseridas na realidade do capitalismo da Alemanha e da União Europeia, podemos compreender que a cisão vertical da burguesia e classe trabalhadora dos anos 50 na América Latina e outros países periféricos, além de discrepante (e que se estende até os dias de hoje), é totalmente diferente, ou seja, não se aparenta tão evidente, quando olhamos para os países centrais e que tal fato tem relação com o reflexo do intercâmbio desigual?
- Barbara Rocha Franca

- O autor apresenta a questão da deteriorização da situação econômica agroexportadora no país ante a dependência que este setor tem com o mercado externo e como a jogada desenvolvimentista acaba priorizando a importação a exportação fica para escanteio (MARINI, p. 20-21). Marini (p. 23-24) ainda acrescenta que a influência do capital estrangeiro no Brasil aumenta consideravelmente durante o Plano de Metas, gerando uma forte oposição entre a agricultura e a indústria. Esse fator oposicionista não estaria diretamente ligado ao fato de que conforme o país é menos desenvolvido o interesse em manter a produtividade pela oferta de mão de obra barata é maior? Ainda, com a industrialização ainda que tardia do Brasil, a movimentação na década de 60 não deveria ter sido ao contrário, quer dizer, conforme o país se desenvolvia industrialmente o interesse estrangeiro diminui, pois não há mais necessidade astronômica de suprir um déficit desenvolvimentista?
- Leticia Guaitoli dos Reis

Teoria da dependência e luta de classes

- Uma questão de método
- O autor desenvolve uma análise focada nas “relações de classe” (p. 21) muito bem sintetizada nos principais elementos econômicos e da política econômica do país antecedentes ao Golpe de 1964. Para realizar essa análise o autor subordina essas relações a uma estrutura estatal específica definida no qual “a burguesia se estabiliza no poder” e o proletariado “seria beneficiado por uma série de concessões sociais (...) e, de outra parte, enquadrado em uma organização sindical rígida.” (p. 13)
- No decorrer do texto o autor dá sugestões de possíveis quebras a essa estabilidade, que estariam colocadas por fora dessa estrutura estatal. O surgimento das Ligas Camponesas em 1958, a Greve Geral de 1953, o movimento de portuários de 1960 etc. Esses movimentos tendiam a quebrar a espinha dorsal dessa organização estatal, muito embora não tivessem isso como objetivo. Ainda assim o autor avaliará esses movimentos dentro de uma gangorra que tende entre burguesia nacional/imperialismo/proletariado/camponeses etc. O método de análise das relações de classe é suficiente dentro da dialética materialista?
- PS.: Avalio como ainda mais relevante o movimento ocorrido em Santos em 1959 quando os estivadores encabeçaram uma greve geral na cidade, que além de parar a cidade, travaria principalmente as exportações de carne enquanto o Estado não reconhecesse a autoridade de uma comissão de sindicatos que fiscalizaria o preço da carne em todos os açougues e embargaria açougues que não cumprissem o preço determinado pelos sindicatos!
- Caio Silva Melo